



## HOMOEROTISMO E VIOLÊNCIA EM “TERÇA-FEIRA GORDA”, CONTO DE CAIO FERNANDO ABREU

Flávio Pereira Camargo <sup>1</sup>

Em “Terça-Feira Gorda”, o narrador protagonista apresenta ao leitor uma narrativa na qual irá relatar sua experiência homoerótica com outro homem, que conheceu em uma bela noite de Carnaval. Trata-se de uma história com valor de verdade, devido ao caráter de testemunho de quem a vivenciou e, posteriormente, recorda os fatos que lhe ocorreram. A linguagem utilizada pelo narrador é extremamente poética e revela-nos, em um tom ao mesmo tempo confessional e memorialístico, a dor da perda do outro, resultado da violência que ambos sofreram ao romper as fronteiras heteronormativas.

A escolha de um narrador protagonista não é gratuita, pois o relato tende a levar o leitor a (com)partilhar tanto da alegria e do desejo, em um primeiro momento, quanto do medo e da dor, em um segundo instante. Ambos, resultados diretos da violência homofóbica pela qual passam os dois personagens. Para Arnaldo Franco Júnior,

[a] escolha de um narrador protagonista funciona como estratégia de construção de empatia: o conto convida o leitor a partilhar, ao ler, da dor e da experiência de violência vivida, que registra o fascínio do jogo erótico e o horror da surpresa funesta que sobre ele se abate, [conquistando] o leitor pela pungência. Trata-se de uma estratégia de comoção [...]. A escolha de um narrador protagonista confere sinceridade e valor de verdade ao fato narrado<sup>2</sup>.

Essa “estratégia de construção de empatia” e de “comoção” pode provocar no leitor certo desconforto e um sentimento de revolta, pois ao lermos o conto podemos nos identificar e estabelecer uma relação de empatia tão forte que, por vezes, temos a forte impressão de que estamos vivenciando aqueles acontecimentos aos quais o narrador se refere, tais como o amor e o desejo; o desejo e o medo; o jogo erótico entre os corpos masculinos, assim como a fragilidade e a impotência dos protagonistas diante do grupo de homens mascarados que os perseguem e matam violentamente um dos rapazes.

Em “Terça-Feira Gorda”, assim como em outros contos de Caio Fernando Abreu, há uma crítica social em relação ao preconceito e à repressão sexual dos personagens homossexuais. O referido conto está inserido na primeira parte de *Morangos mofados*, “o mofo”, que sugere, pela temática dos textos, uma crítica social,

<sup>1</sup> Doutor em Literatura pela UnB. Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins (UFT/Campus de Tocantinópolis). E-mail: [camargolitera@uft.edu.br](mailto:camargolitera@uft.edu.br)

<sup>2</sup> FRANCO JR., Arnaldo. Intolerância tropical: homossexualidade e violência em “Terça-Feira Gorda”, de Caio Fernando Abreu. In: *Expressão*, n. 01. Santa Maria, 2000, p. 91.



uma metáfora para a putrefação dos morangos e o mascaramento de parte da sociedade, em que muitos indivíduos usam máscaras para disfarçar seu caráter preconceituoso, violento e opressor, enquanto outros, que têm coragem de não vestir máscaras, são vítimas de ações violentas e repugnantes. Nesta perspectiva, “Terça-Feira Gorda” está denunciando um lado conservador e repressor da sociedade, em que o “mofo” é o elemento que demonstra o caráter opressor e violento do contexto social<sup>3</sup>.

O narrador protagonista inicia a narrativa descrevendo minuciosamente os detalhes do encontro: o jogo de olhares; os movimentos do corpo do outro, que são comparados aos movimentos das ondas do mar ao se aproximar do narrador; a cor vermelha e branca da tanga levando o narrador protagonista a pensar em Xangô, em Iansã com purpurina na cara, em Oxaguiã segurando a espada no braço levantado, em Ogum a Beira-Mar “sambando bonito e bandido”. A aproximação entre os dois ocorre a partir de uma linguagem corporal, de gestos e de movimentos corporais, que sugerem uma erotização dos corpos masculinos dos dois personagens envolvidos como qualquer processo de sedução, marcado por gestos sensuais que vão envolvendo o outro de modo irremediável.

Uma aproximação que é, *a priori*, tensa, pois o outro não sabe se o narrador protagonista irá confirmá-la, aceitá-la ou rejeitá-la. Daí a necessidade que o outro tem de uma confirmação do protagonista, que responde ao olhar tenso do outro com um sorriso. A partir daí, a aproximação torna-se cada vez mais próxima.

É como se o narrador protagonista conhecesse o outro de algum lugar, mas admite que não se lembra de onde, afinal tem andado por muitos lugares, “aqui, ali”. É como se buscasse algo ou alguém em uma incessante busca que não cessa, assim como o outro que também parecia ter andado por muitos lugares. Enfim, entre os dois não havia palavras, apenas gestos e um olhar envolvente, que pedia confirmação.

Gestos e silêncio significam e expressam, nessa narrativa, mais do que palavras poderiam dizer. Há ainda a representação e a descrição do jogo erótico entre os corpos masculinos que se aproximam cada vez mais. É como se fossem duas almas gêmeas ou faces de uma mesma moeda que se unem. Essa relação homoerótica de desejo e de atração sexual perpassa toda a narrativa e é representada na estrutura homoerótica do conto “como algo comum, [que] além de barrar a identificação da homossexualidade com a anormalidade e/ou bizarria, também cumpre a função de sublinhar a tônica sexual que une o par protagonista. Trata-se de desejo e sexo”<sup>4</sup>.

<sup>3</sup> PORTO, Ana Paula Teixeira. Preconceito, repressão sexual e violência em Caio Fernando Abreu. In: *Ao pé da Letra*. Recife: UFPE, 2002, n. 4.1, p. 07.

<sup>4</sup> FRANCO JR., Arnaldo. Intolerância tropical: homossexualidade e violência em “Terça-Feira Gorda”, de Caio Fernando Abreu. In: *Expressão*, n. 01. Santa Maria, 2000, p. 92.



O outro é representado como um homem que nem parecia *bicha nem nada*, ou seja, trata-se de um homem com características do estereótipo masculino: forte, com pêlos, malhado, carnes rijas e duras, pele morena do sol, que, *por acaso*, gosta de outro corpo, que *por acaso* é de outro homem. Há uma representação e uma erotização do corpo masculino, que desperta desejo e excitação em outro homem. A representação dos corpos masculinos de dois personagens que têm uma relação homoerótica estabelece uma ruptura com aquelas representações estigmatizadas em relação aos homossexuais como um ser afeminado ou afetado, cujos traços e atitudes assemelham-se aos do gênero feminino.

Nesse conto, como ocorre em vários outros, os personagens homossexuais não parecem *bicha nem nada*. Simplesmente são homens, com corpo e atitude de homem, que, *por acaso*, tem excitação, desejo e atração pelo corpo suado, molhado, malhado e gostoso de outro homem.

Em relação a esse desejo homoerótico, Denílson Lopes afirma que

o desejo é uma forma de pertencimento, de encontro, mesmo quando não de inclusão. O encontro entre dois homens se dá sutil e inesperadamente. As palavras não são pronunciadas não pela recusa ao dizer, mas para se apreender com o corpo. Os olhares são físicos, não de voyeur. Olhares não se desviam, falam<sup>5</sup>.

É justamente esse olhar que fala, esse olhar físico que prende o outro, a sua atenção, como um encantamento, que lhe desperta o desejo, a vontade de encontrar-se e completar-se no outro, a busca de si no outro, mesmo que por um momento fugaz, como em uma terça-feira de carnaval, que temos entre os dois protagonistas do conto. As carnes duras, rijas, a pele morena do sol, os pêlos no peito e na barriga, e os músculos firmes das coxas provocam e despertam simultaneamente um desejo homoerótico e uma homoafetividade entre os dois personagens. Um desejo e uma atração que é explicitada normalmente em meio ao salão de festas no qual os dois personagens se encontravam naquele exato momento:

Eu queria aquele corpo de homem sambando suado bonito ali na minha frente. Eu disse eu quero você também. Mas quero agora já neste instante imediato, ele disse e eu repeti quase ao mesmo tempo também, também eu quero. Sorriu mais largo, uns dentes claros. Passou a mão pela minha barriga. Passei a mão pela barriga dele. Apertou, apertamos. As nossas carnes duras tinham pêlos na superfície e músculos sob as peles morenas de sol<sup>6</sup>.

O que temos é um jogo erótico de excitação e desejo entre os dois personagens que agem normalmente, como quaisquer seres humanos que se sentem atraídos um pelo outro, desconstruindo as representações de relações homossexuais consideradas “anormais” ou “aberrantes”. A aproximação entre os personagens ocorre normalmente, afinal, são apenas dois homens que *por*

<sup>5</sup> LOPES, Denílson. *O homem que amava rapazes e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002, p. 198-199.

<sup>6</sup> ABREU, Caio Fernando. *Morangos mofados*. Rio de Janeiro: Agir, 2005, p. 57.



*acaso* gostam de outros homens com os quais sentem prazer. Trata-se de um desejo normal entre os dois personagens.

Eis que essa proximidade entre os dois personagens passa de um convite feito através de uma linguagem corporal e do próprio ritmo dos corpos na dança para uma aproximação efetiva, concreta, pois eles se tocam mutuamente, sentindo e conhecendo o corpo um do outro. A boca do outro é descrita poeticamente como se fosse um figo maduro que se abre e se aproxima da boca do narrador protagonista. Uma boca vermelha, com lábios carnudos e grossos, que lhe desperta o desejo de beijá-la. O que observamos é um conjunto de descrições dos atributos físicos, referentes aos corpos masculinos, que nos remetem a uma representação homoerótica destes corpos.

Entretanto, surge um empecilho em relação ao desejo homoerótico dos dois protagonistas: o olhar dos outros, que representa a sociedade homofóbica que não admite, não tolera e não respeita aqueles que não se encaixam nos padrões por ela preestabelecidos, sobretudo o que se refere às normas regulatórias de gênero e sexualidade. Esses olhares representam uma repressão e uma opressão tão contundente na época da ditadura militar no Brasil, que, infelizmente, ainda persiste em nossa sociedade arraigada socioculturalmente, principalmente o que se refere às práticas discursivas de subjetivação.

No conto, são três os momentos nos quais verificamos o preconceito, a discriminação e a violência verbal contra os dois protagonistas antes de a violência física, representada no final do conto, levar à morte um dos personagens. Eis os fragmentos:

Ai-ai, alguém falou em falso, olha as loucas, e foi embora. Em volta, todos olhavam<sup>7</sup>.

Nos empurravam em volta, tentei protegê-lo com meu corpo, mas ai-ai repetiam empurrando, olha as loucas, vamos embora daqui, ele disse. E fomos saindo colados pelo meio do salão, a purpurina da cara dele cintilando no meio dos gritos.

Veados, a gente ainda ouviu, recebendo na cara o vento frio do mar<sup>8</sup>.

São palavras duras e cruéis, que ferem profundamente o ser de nossos personagens. Palavras que lhes solapam o direito pleno de liberdade e de expressão. Trata-se de uma agressão verbal, física e simbólica cujas bases são o preconceito e a discriminação e a intolerância.

Para Antônio Sérgio Alfredo Guimarães, a discriminação pode ser entendida como um comportamento social daninho e irracional ao indivíduo. Geralmente, critérios externos, considerados “irrelevantes”, tais como, a cor da pele, a orientação sexual e o sexo, por exemplo, são utilizados para discriminar o outro e restringir o seu acesso às oportunidades econômicas, sociais e políticas. Estes aspectos são considerados “irrelevantes” porque a característica utilizada como

---

<sup>7</sup> Idem, p. 57.

<sup>8</sup> Ibidem, p. 58.



critério discriminativo “é básica ou completamente não-relacionada com os reais ou potenciais talentos, habilidades ou motivações do indivíduo discriminado”<sup>9</sup>, negando-lhe, por exemplo, oportunidades de emprego e de ascensão no trabalho, de diversão pública, ou de uma relação homoerótica, como é o caso de nossos protagonistas.

Para o referido autor, o preconceito refere-se às “atitudes, propósitos e disposições interiores” e a discriminação aos “comportamentos e ações concretas”<sup>10</sup>. Podemos dizer que o preconceito é algo que está arraigado no interior do indivíduo e, devido às normas de conduta a serem seguidas, mesmo que este indivíduo tenha preconceitos raciais ou em relação ao homossexual, por exemplo, ele não deveria expressar, em locais públicos, nos quais haja algum tipo de aglomeração, seus desafetos por esses grupos.

No entanto, gostaríamos de ressaltar que as primeiras agressões registradas em “Terça-Feira Gorda” ocorreram em um espaço público, com aglomeração de pessoas, ou seja, durante o baile de Carnaval, que é a festa do “mundo ao contrário”, onde é comum, por exemplo, os homens se vestirem de mulheres. É de se considerar que os agressores agem por medo de serem, eles mesmos, “bichas”, “viados”, “gays”. Além disso, em locais públicos isolados e/ou desérticos, como é o caso da praia deserta, no referido conto, geralmente há ocorrências de agressões verbais e principalmente físicas, como a que ocorreu com um dos personagens, levando-o à morte.

O preconceito é geralmente expresso por meio de ofensas que ferem profundamente os outros, como, por exemplo, classificar, nomear um homossexual de “bicha”, de “viado”, de “gay” ou de “mulherzinha”, entre outros adjetivos pejorativos, que denigrem a imagem e a identidade sociocultural de um determinado grupo ou indivíduo.

Já a discriminação refere-se ao tratamento desigual de pessoas, por meio de ações concretas e/ou comportamentos, que se baseiam em diferentes âmbitos da vida social, com o objetivo de restringir “o seu amplo e líquido direito constitucional e legal à isonomia de tratamento”<sup>11</sup>. É justamente em decorrência do preconceito e da discriminação que os dois personagens homossexuais não recebem isonomia de tratamento, como ocorre aos casais heterossexuais.

Os dois personagens não usavam máscaras, apesar de ser uma festa de Carnaval. A máscara, do italiano *maschera*, *maschera*, trata-se de um objeto utilizado com certa frequência em festas e em bailes de máscaras. A máscara serve para cobrir o rosto e propiciar um disfarce, uma dissimulação. Em nossa sociedade, é frequente o uso de máscaras, de disfarces e dissimulações para se esconder e

<sup>9</sup> GUIMARÃES, A. S. A. *Preconceito e discriminação*. São Paulo: Editora 34, 2004, p. 12.

<sup>10</sup> GUIMARÃES, A. S. A. *Preconceito e discriminação*. São Paulo: Editora 34, 2004, p. 18.

<sup>11</sup> Idem, p. 19.



dissimular o preconceito e a discriminação em relação a determinados sujeitos sociais, assim como serve ainda para mascarar identidades de gênero e sexuais daqueles que mantêm, ou pelo menos tentam sustentar, relações aparentes dentro dos padrões heteronormativos.

Nossos protagonistas não usavam máscaras nem mesmo em uma festa de Carnaval (*carne vale*), considerada uma festa profana, da carne. Uma festa de origem profana e pagã, presente em nossa sociedade desde a tradição cristã medieval. A festa de Carnaval, em tributo ao Momo, geralmente inicia-se três dias antes da quarta-feira de cinzas, que, na tradição cristã, representa os quarenta dias que antecedem à morte de Jesus Cristo, celebrado no Domingo de Páscoa – este período, denominado pelos cristãos de Quaresma, é um momento de reflexão e penitência dos pecados.

Geralmente, nas festas de Carnaval os foliões e populares se travestem com disfarces e máscaras variadas para se divertirem. Como resultado de diferentes manifestações sincréticas oriundas de mitos e costumes pagãos, como, por exemplo, os rituais dionisíacos, durante o Carnaval os foliões costumam-se embriagar, dançar e cantar, contagiados por uma alegria desabrida que eliminaria, aparentemente, a repressão e a censura à liberdade erótica e sexual dos corpos e sujeitos envolvidos na festa.

Entretanto, Arnaldo Franco Júnior ressalta que “[o] carnaval, em “Terça-Feira Gorda”, alegoriza a própria tessitura da violência sombria mesclada a explosões circunstanciais de euforia e aparente desregramento que caracterizam um modo brasileiro de ser “alegre”, irresponsável e brutal”<sup>12</sup>. No Carnaval há uma alegria desmesurada que, assim como os desejos carnavais, estão à flor da pele, mas todos aqueles que estão envolvidos nas festividades carnavalescas, geralmente, usam máscaras ou se travestem em uma tentativa de não serem reconhecidos posteriormente. A ausência da máscara representa um perigo eminente, que é observado pelo próprio protagonista.

Os personagens não se escondem por trás de máscaras. Suas atitudes e ações, mesmo durante uma festa carnavalesca, são concretizadas com “a cara limpa”, de modo que eles não mascaram seus desejos sexuais mais recônditos por detrás de máscaras sociais ou não, assim como a maioria o faz por medo e receio do olhar do outro, mesmo que tenham que pagar um alto preço pela ausência da máscara: a dor e a morte. A dor das palavras ferinas dos outros, a dor de perder o outro, a dor de ser um homossexual e assumir uma identidade estigmatizada, marginalizada e reprimida em nossa sociedade. Eles estão sem máscaras, sem disfarces, e, apesar de tudo, preferem sentir o vento, a alegria, a brisa e a purpurina na pele macia do rosto.

<sup>12</sup> FRANCO JR., Arnaldo. Intolerância tropical: homossexualidade e violência em “Terça-Feira Gorda”, de Caio Fernando Abreu. In: *Expressão*, n. 01. Santa Maria, 2000, p. 92.



Em relação a essas máscaras tão presentes em nossa sociedade, Fernando Arenas, ao analisar os contos que integram a coletânea *Morangos mofados*, afirma que “[a] narrativa de Caio Fernando Abreu é uma tentativa de destruir as máscaras sociais e estéticas mantidas pela cultura hegemônica heterocêntrica, sob o risco de ser destruída no processo, tal como os protagonistas de ‘Terça-Feira Gorda’”<sup>13</sup>.

Os dois personagens queriam apenas ser livres, amados, e viver, com intensidade, os poucos momentos felizes da vida, mas em um período regido por militares, em que a repressão e a opressão eram uma das máscaras desse regime, viver e expressar-se livremente custava um preço alto a se pagar. Entretanto, eles estavam dispostos a pagar por essa felicidade.

Na praia, sob o luar e recebendo do mar a brisa suave, leve e fria, os dois personagens, após cheirarem duas carreiras de cocaína, cada um, se entregam um ao outro ardentemente, sem se perguntarem os nomes, o signo, o endereço ou o telefone um do outro, pois o único desejo deles naquele momento era sentir e possuir o corpo um do outro: “A língua dele lambeu meu pescoço, minha língua entrou na orelha dele, depois se misturaram molhadas. Feitos dois figos maduros apertados um contra o outro, as sementes vermelhas chocando-se com um ruído de dente contra dente” (Abreu 2005: 58).

A união dos dois corpos, assim como a fusão de dois em um e a representação fervorosa de dois homens excitados de prazer é uma das passagens mais belas e poéticas da narrativa, que representa a relação homoerótica entre os dois protagonistas:

O mamilo duro dele na minha boca, a cabeça dura do meu pau dentro da mão dele. O que você mentir eu acredito, eu disse, que nem marcha antiga de Carnaval. A gente foi rolando até onde as ondas quebravam para que a água lavasse e levasse o suor e a areia e a purpurina de nossos corpos. A gente se apertou um contra o outro. A gente queria ficar apertado assim porque nos completávamos desse jeito, o corpo de um sendo a metade perdida do corpo do outro. Tão simples, tão clássico. A gente se afastou um pouco, só para ver melhor como eram bonitos nossos corpos nus de homens estendidos um ao lado do outro, iluminados pela fosforescência das ondas do mar. Plâncton, ele disse, é um bicho que brilha quando faz amor. E brilhamos<sup>14</sup>.

A linguagem utilizada por Caio Fernando Abreu ao longo deste conto é extremamente poética, sensual e erótica, de modo que representa uma relação homoerótica entre dois homens sem que a linguagem se torne chula ou pornográfica. Apesar de haver representações eróticas de partes íntimas do corpo masculino, não se trata de uma imagem pornográfica, justamente em decorrência de uma densidade poética presente no ritmo das frases, na sonoridade e na intensidade das metáforas extremamente poéticas, como a do Plâncton. Trata-se de uma representação erótica de

<sup>13</sup> ARENAS, Fernando. Estar entre o lixo e a esperança: *Morangos mofados* de Caio Fernando Abreu. In: *Brasil/Brazil*. Porto Alegre: PUCRS. Ano 5, n. 8, 1992, p. 60.

<sup>14</sup> ABREU, Caio Fernando. *Morangos mofados*. Rio de Janeiro: Agir, 2005, p. 59.



dois corpos masculinos que, desejosos um do outro, se unem, completando um ao outro através do ato de fazer amor.

No momento exato em que os dois protagonistas estavam deitados, unidos como uma única pessoa, na areia da praia, após terem brilhado juntos, eis que ressurgem a fúria, o preconceito e a violência daqueles mesmos mascarados que, antes, haviam levado nossos protagonistas a se retirarem do salão de festas devido às suas ofensivas:

Mas vieram vindo, então, e eram muitos. Foge, gritei, estendendo o braço. Minha mão agarrou um espaço vazio. O pontapé nas costas fez com que me levantasse. Ele ficou no chão. Estavam todos em volta. Ai-ai, gritavam, olha as loucas. Olhando para baixo, vi os olhos dele muito abertos e sem nenhuma culpa entre as outras caras dos homens. A boca molhada afundando no meio duma massa escura, o brilho de um dente caído na areia. Quis tomá-lo pela mão, protegê-lo com meu corpo, mas sem querer estava sozinho e nu correndo pela areia molhada, os outros todos em volta, muito próximos<sup>15</sup>.

Mais uma vez temos a representação de uma intolerância e de uma violência contra os dois homossexuais. Eis que surge um grupo de rapazes mascarados diante dos dois, ainda entrelaçados, ali, deitados na areia, indefesos, e começam a agredi-los fisicamente com pontapés. O narrador protagonista diz ao outro para fugir, mas este não conseguiu se levantar a tempo e nem escapar dos pontapés que lhe eram dirigidos ao corpo nu e indefeso. De um salto, todos expressavam seu ódio e repulsa através de uma agressão física violenta, calculada friamente pelos componentes do grupo. As vozes sociais dos sujeitos agressores, “Ai-ai, gritavam, olha as loucas”, revela-nos o preconceito, a discriminação, a repressão e a opressão à qual estão sujeitos os personagens homossexuais.

São vozes sociais que representam não somente o discurso e as atitudes daqueles que agridem fisicamente o personagem homossexual, pois explicitam discursos e ações – de uma sociedade heteronormativa – que são corriqueiras na vida dos personagens homossexuais. Em alguns casos, essa agressão pode levar à morte, como ocorre a um de nossos protagonistas, que, para salvar a própria vida, vê-se obrigado a fugir, correndo nu pela praia, deixando para trás aquele que o completava, que jaz sangrando na areia alva da praia, agora manchada de um tom vermelho rubro que escorria lentamente da boca de seu amado, deitado nu, naquele mesmo lugar onde haviam feito amor. O leito de amor torna-se o leito de morte para um dos personagens. Uma imagem que marcará provável e profundamente a vida daquele que conseguiu sobreviver. A morte de um dos parceiros de um amor impossível é recorrente na tradição literária, de tal modo que a transgressão é paga com morte e solidão.

---

<sup>15</sup> Idem, p. 59.



Em relação a essa violência da agressão física aos dois personagens homossexuais, que ocorre justamente durante uma festa de carnaval, na qual deveria haver uma liberdade erótica e sexual dos corpos, Arnaldo Franco Júnior afirma que

o carnaval torna-se, no conto, signo de uma ironia amarga: a intolerância tropical manifesta-se nele e, mais, por meio dele. Repressiva e dissimulada, a sociedade que celebra o Momo é a mesma que, ambivalente com a identificação de limites, reage violentamente quando, por alguma razão, os limites tornam-se claros<sup>16</sup>.

Após o episódio do ato de agressão violenta que leva o outro personagem à morte, as únicas imagens que vem à cabeça do narrador protagonista, como um filme, são três representações que se sobrepõem. São três imagens poeticamente trabalhadas na narrativa, que retratam a relação homoafetiva e homoerótica entre os dois personagens. As imagens que se sobrepõem representam as três fases do encontro dos dois personagens: primeiro, o encontro no salão de dança, enquanto dançavam suados e embriagados pelo ritmo da música e pelo álcool; segundo, os dois na praia, sob um céu estrelado e recebendo a brisa leve e fria do mar antes de fazerem amor; e, finalmente, “a queda lenta de um figo maduro, até esborrachar-se contra o chão em mil pedaços sangrentos”. Metáfora mais bela e poética para a representação da imagem da morte do outro personagem não poderia ter sido empregada por Caio Fernando Abreu. A metáfora suaviza a repressão, a opressão e a intolerância da sociedade homofóbica representada pelo grupo de rapazes que agridem e assassinam violentamente um dos personagens homossexuais. Além disso, a metáfora também figura a imagem da destruição de um ser indefeso, como se fosse um fruto que se esmaga indiferente.

Os contos que compõem a coletânea *Morangos mofados* foram escritos na década de 1970 e publicados no início dos anos 1980, mas a realidade que se apresenta em algumas narrativas ainda persiste, haja vista o número crescente de espancamentos e assassinatos de homossexuais e travestis, sobretudo nos últimos meses, principalmente na região Nordeste e Sul do país. Apesar de essa homofobia ser evidente, raras vezes esses assassinatos e espancamentos são noticiados pelos principais canais televisivos, de modo que estes fatos são publicados e veiculados com maior frequência em *sites*, revistas e programas direcionados ao público gay, o que demonstra certo descaso das autoridades e uma ausência de investimentos em políticas públicas efetivas com vistas a uma maior conscientização do respeito à diversidade sexual e de gênero em nossa sociedade.

---

<sup>16</sup> FRANCO JR., Arnaldo. Intolerância tropical: homossexualidade e violência em “Terça-Feira Gorda”, de Caio Fernando Abreu. In: *Expressão*, n. 01. Santa Maria, 2000, p. 92.



## *BIBLIOGRAFIA*

- ABREU, Caio Fernando. *Morangos mofados*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.
- ARENAS, Fernando. Estar entre o lixo e a esperança: *Morangos mofados* de Caio Fernando Abreu. In: *Brasil/Brazil*. Porto Alegre: PUCRS. Ano 5, n. 8, 1992, p. 53-67.
- FRANCO JR., Arnaldo. Intolerância tropical: homossexualidade e violência em “Terça-Feira Gorda”, de Caio Fernando Abreu. In: *Expressão*, n. 01. Santa Maria, 2000, p. 91-96.
- GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. *Preconceito e discriminação*. São Paulo: Editora 34, 2004.
- LOPES, Denílson. *O homem que amava rapazes e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.
- PORTO, Ana Paula Teixeira. Preconceito, repressão sexual e violência em Caio Fernando Abreu. In: *Ao pé da Letra*. Recife: UFPE, 2002, n. 4.1, p. 01-08.